



Boletim Informativo

SOCIEDADE HISTÓRICA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL



N.º 323/25 – Ano XXIX
Outubro, Novembro e Dezembro de 2013

Editorial



SOCIEDADE HISTÓRICA: Termo do Mandato

Pedindo a Deus que o Natal e o Ano Novo dos queridos associados e suas famílias tenham decorrido com saúde e paz, cumpre-me dar conta do projecto da Direcção, a que tenho a honra de presidir, para o primeiro semestre do corrente ano de 2014.

Por um lado, saliento que o mandato dos actuais corpos sociais terminou a 31 de Dezembro de 2013, prevendo-se, identicamente a 2011, que o processo eleitoral venha a decorrer no próximo mês Junho, após votação pela assembleia geral, do balanço do ano findo, bem como da celebração do dia 24 de Maio – Dia da Sociedade Histórica – este ano a 26 do mesmo mês, por 24 ser sábado e data das eleições europeias.

Em princípio, admito a recandidatura a segundo e último triénio – espero que na fraterna companhia dos actuais presidentes da mesa da assembleia geral e do conselho fiscal – com óbvia prioridade para a consolidação e aprofundamento da obra feita no actual mandato.

1.º de Dezembro

Não me tendo sido possível participar, fisicamente, no 1.º de Dezembro de 2013, por ausência do país, é de elementar justiça salientar o Discurso de Estado do Presidente do Município de Lisboa, Dr. António Costa, na Cerimónia dos Restauradores: Considerando que o 1.º de Dezembro de 2014 ocorrerá em dia útil – 2.ª feira – o Município de Lisboa transformará a capital numa gigantesca sala de aula, convocando as crianças e jovens do sistema educativo para uma lição de História ao vivo, sobre o significado da Restauração para a soberania e identidade de Portugal e dos Países e Regiões da Lusofonia.

Na coerência da responsabilidade moral e patriótica da Sociedade Histórica, promoveremos, de imediato, contactos com a Associação Nacional dos Municípios Portugueses (ANMP) e a Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE), sensibilizando-as para que o máximo de Municípios e Freguesias celebrem a Memória do 1.º de Dezembro de 1640 em 1 de Dezembro de 2014 e nos anos subsequentes.

A Sociedade Histórica continuará a defender a reposição do feriado do 1.º de Dezembro, como “data sine qua non” dos demais.

Apelo aos queridos associados, seus familiares e amigos, que subscrevam o projecto de lei, de iniciativa dos cidadãos, de “Restauração do feriado nacional de 1 de Dezembro, que celebra o valor da independência nacional de Portugal”. O abaixo assinado está disponível nos serviços administrativos da Sociedade Histórica.

Balanço de 2013

Na modéstia dos seus valores, o balanço de 2013 reflectirá, pela positiva, a eliminação do Serviço da Dívida e respectivos encargos, pelo que, com a maior probabilidade, virá a revelar o resultado positivo mais expressivo dos últimos quinze anos.

Recordo que 1999 foi o último ano do subsídio relevante da Sociedade Histórica pelos Governos de Portugal e Macau.

Na verdade, a Sociedade Histórica — sem o apoio do Estado, Regiões, Municípios, Freguesias, Fundações e Empresas — é, hoje, uma micro-empresa, cujo “good will” — notoriedade e prestígio — atinge os quinze milhões de portugueses, residentes em Portugal e na Diáspora.

Conferência do Príncipe do Brasil

Pela segunda vez, em poucos meses, Sua Alteza Imperial e Real o Príncipe do Brasil, Senhor Dom Bertrand de Orléans e Bragança, visitou a Sociedade Histórica, pronunciando, a 9 de Dezembro, notável conferência, subordinada ao tema “A devoção à Imaculada Conceição na História de Portugal e do Brasil”. A sessão foi promovida pelo Instituto D. Pedro de Alcântara — Portugal-Brasil — dirigido pelo nosso ilustre consócio Dr. José Berquó de Menezes, Conde de Vianna.

Primeiro semestre de 2014

As prioridades do semestre não alteraram — antes pretendem consolidar — os objectivos da direcção, a que tenho a honra de presidir, no triénio findo: Projecto - Sustentabilidade - Palácio.

Projecto

Continuamos a aprofundar a qualidade da oferta cultural, a regionalização e a internacionalização, designando delegados de prestígio para as principais cidades de Portugal e Comunidades da Diáspora.

Sustentabilidade

Fazemos da sistemática campanha de sócios — efectivos e extraordinários — um acto de rotina, essencial à sustentabilidade financeira da Sociedade Histórica. Procuramos parcerias com o Estado, o Município de Lisboa, a Embaixada da Noruega — através do fundo EEA-Grant, da EFTA — a Fundação Aga Khan e os Países Árabes e Islâmicos, de que é decana a Embaixadora de Marrocos, para a reabilitação do conjunto monumental do Palácio da Independência, Jardim Luso-Árabe e Muralha Fernandina, monumentos nacionais emblemáticos da Memória de Portugal.

Proporemos à Secretaria de Estado da Cultura, Município de Lisboa e Fundação Casa de Bragança a criação do roteiro dos Palácios da Restauração e sua ulterior candidatura a Património Cultural da Unesco.

Palácio

A segurança, manutenção e decoração do Palácio da Independência — com ou sem apoio do Estado ou de Mecenas — continuam a constituir obrigação histórica, moral e patriótica da Sociedade Histórica, apesar do gravíssimo contexto de profunda crise — económica, financeira e social — que tanto vem afligindo a Nação Portuguesa, pelo menos desde 2008.

Agradecimento

Não quero terminar o mandato sem desejar aos queridos associados e famílias um Bom Ano de 2014 nem deixar de agradecer a generosidade dos inúmeros sócios que, em 2012 e 2013, corresponderam ao meu apelo de apoio à então crítica situação financeira da nossa Sociedade Histórica, aumentando, voluntariamente, os quantitativos das suas quotas.

José Alarcão Troni
(24º Presidente da Direcção)

FICHA TÉCNICA DO BOLETIM INFORMATIVO DA SHIP

Fundador: Carlos Vieira da Rocha

Director: José Augusto Alarcão Troni

Boletim Informativo com periodicidade trimestral. Editor: António Marques Francisco.

Edição e propriedade da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Palácio da Independência. Largo de São Domingos, n.º 11 - 1150-320 Lisboa.

NIF: 500875294 Tel. 213241470 Fax. 213243699

Endereço Internet: www.ship.pt Correio Electrónico: shipgeral@ship.pt

ship.actividadesculturais@ship.pt

GRANDES DATAS

NACIONAIS

CERIMÓNIAS DO 1.º DE DEZEMBRO

O dia 1 de Dezembro nasceu radiante, com o sol deslumbrante que dá aquela cor tão especial, única, à cidade de Lisboa.

As comemorações desta data, determinante da história de Portugal, começaram no Palácio da Independência com o hastear das Bandeiras Nacional, da Restauração e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal ao som do toque de alvorada interpretado pelo terno de clarins da Banda da Força Aérea.



Às 10h00 horas, na Igreja de São Domingos, o Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa, D. Joaquim Mendes, coadjuvado pelo pároco, Padre Victor Gonçalves, deu início à Eucaristia do 1.º Domingo do Advento com particular enfoque nos heróicos portugueses que, neste mesmo dia em 1640, restauraram, em espírito de fé e sentido patriótico, a independência de Portugal.

Na homilia, Sua Excelência Reverendíssima começou por referir “As comemorações do 1.º de Dezembro integraram sempre, desde os seus inícios, um Te Deum e uma Missa Solene de Acção de Graças pelos Restauradores da Independência de Portugal de 1640, por determinação das Cortes de 20 de Janeiro de 1641. Na fidelidade a esta determinação nos reunimos aqui hoje para fazer memória do sentido patriótico dos nossos antepassados e celebrar a História, que é ‘mestra da vida’.

Sempre que esquecemos ou relegamos o nosso passado corremos o risco de esvaziar a nossa identidade nacional e os seus valores, e de nos empobrecermos. O tempo litúrgico de Advento, com que iniciamos o novo Ano Litúrgico, faz memória do passado, para iluminar o presente e projectar um futuro de esperança.”

...

Mais adiante, continuou “O Papa Francisco

recorda-nos na Encíclica a ‘Luz da Fé’ que a fraternidade privada do referimento a um Pai comum como seu fundamento último, não consegue subsistir (LF 54). Se tirarmos a fé em Deus das nossas cidades, enfraquecer-se-á a confiança em nós, apenas o medo nos manterá unidos, e a estabilidade ficará ameaçada (LF 55), diz-nos o Santo Padre.”

...

È conclui “Andemos dignamente, como em pleno dia, como recomenda o apóstolo S. Paulo. A luz é a imagem da novidade de vida que Cristo nos trouxe. Realizemos a passagem da noite do pecado à luz da vida nova que Cristo nos oferece. Caminhemos ao encontro de Cristo que vem, revestindo-nos da sua luz, para sermos também nós luz para os irmãos que encontrarmos e reacendermos a esperança, de que tanto carece o nosso mundo e o nosso país.”



A terminar a Eucaristia foi rezada ainda, pelo consócio Eugénio Roque, em acção de graças:

Mais um ano, Senhor
E nós voltamos...
A agradecer-Te a Pátria,
A nossa identidade,
A nossa fé,
A nossa independência
E a nossa liberdade...
Que queremos ser verdade!
Mais um ano, Senhor
E nós agradecemos
Por tudo o que nos dás,
Por tanto amor e paz...
Que não sei se merecemos.
Mais um ano, Senhor
Guiás-Te os nossos passos,
Deste-nos a coragem e vontade
A força e a dignidade
No caminho difícil que trilhamos
Graças a Ti, Senhor... continuamos!

GRANDES DATAS

NACIONAIS

CERIMÓNIAS DO 1.º DE DEZEMBRO

Seguiram-se as cerimónias na Praça dos Restauradores, sob a presidência do General Vasco Rocha Vieira, em representação de Sua Excelência o Presidente da República, e na presença do Duque de Bragança, do Coordenador-Geral do Movimento 1.º de Dezembro, dos Presidentes da Câmara Municipal de Lisboa, e de outros municípios que se dignaram associar às comemorações, dos representantes dos Chefes do Estado Maior General dos três ramos das Forças Armadas, do Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana, do Director Nacional da Polícia de Segurança Pública, de dirigentes e representantes dos partidos e movimentos cívicos, de associações culturais, educativas e de solidariedade, dos órgãos sociais da Sociedade Histórica, de representantes das Juntas de Freguesia, associados, convidados e representantes dos conjurados de 1640, autoridades civis, militares e académicas, professores e alunos de estabelecimentos de ensino militar e civil, sócios da SHIP e muito povo.

Deu-se início à cerimónia de Homenagem aos Heróis da Restauração com o içar das Bandeiras Nacional e da Restauração ao som dos respectivos Hinos, tocados pela Banda da Força Aérea e cantados por um coro de educandos dos Centros de Educação e Desenvolvimento Nossa Senhora da Conceição, D. Maria Pia e Jacob Rodrigues Pereira, da Casa Pia de Lisboa e de todos os presentes.



O presidente da Assembleia Geral da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, General José Baptista Pereira, usou da palavra para dirigir uma mensagem do presidente da Direcção, ausente de Portugal por motivos inadiáveis: “Na verdade, o 1.º de Dezembro é a data ‘sine qua non’ das demais efemérides da Portugalidade. É o feriado ‘sine quod non’, porquanto aos Conjurados de 1640 e aos Heróis da Guerra da Restauração deve Portugal a soberania

plena, a Língua e a Cultura Portuguesas. Esquecer esta verdade é esquecer Portugal.”

...

“O 1.º de Dezembro deveria ser, simplesmente, o dia de Portugal, pois se há feriado indiscutível, este é o 1.º de Dezembro, data ‘sine qua non’.



Na verdade, se não tem havido Restauração, a 1 de Dezembro de 1640, não haveria 5 de Outubro, 10 de Junho, 25 de Abril ou qualquer outro, porquanto a agenda dos feriados nacionais seria fixada por Madrid.”

...

“Se há feriados imutáveis, são o 1.º de Dezembro e o 10 de Junho, datas que unem a Nação Portuguesa, em torno dos seus Bandeira, Hino, Valores, Memória, Identidade, Autoestima, Língua, Cultura, Santos e Heróis.”

...

“No entanto, melhor seria que a 10 de Junho fosse, no futuro, o Dia de Camões, da Língua e da Diáspora — o Dia da Portugalidade — e o 1.º de Dezembro, o Dia de Portugal.

É a Nação Portuguesa que — sem distinção de credos — constrói, no quotidiano, a sua História e diz à classe política as datas que quer evocar, por exprimirem os valores mais profundos e eternos da Independência, Individualidade, Identidade, Língua e Cultura do nosso querido Portugal, velho de quase nove séculos.”

...

“Um Estado que não comemora, como seu principal feriado, o Dia da Independência é um Estado Bastardo, sem Memória, Valores ou Dignidade.”

...

“A Restauração mobilizou a Nação Portuguesa, na Europa e no Ultramar. Combateu e venceu as potências que a ela se opuseram. E Portugal recuperou a sua independência plena.

Na União Europeia a 28, são 19 os países cujo Dia Nacional — o Feriado mais importante — evoca a respectiva fundação ou independência.

Vamos, pois, restaurar o Feriado da Restaura-

ção. E, sendo o Estado republicano, restauremos, também, o feriado da República.”

Continuou as intervenções o coordenador-geral do Movimento 1.º de Dezembro, Dr. José Ribeiro e Castro: “Cá estamos de novo, com uma gratidão que nunca conseguiremos pagar à Sociedade Histórica da Independência de Portugal e à Câmara Municipal de Lisboa, por manterem ininterruptas desde há mais de 100 anos as comemorações oficiais nacionais desta data fundamental do nosso calendário.



O 1.º de Dezembro é o dia da nossa liberdade: não da liberdade individual, da liberdade de cada um; mas da nossa liberdade colectiva nacional, da liberdade de todos. Sem este dia, não seríamos.”

...

“O 1.º de Dezembro é o dia certo para o lembrarmos. Este dia em que reafirmamos, briosos, a Nação livre e independente dos portugueses é também o dia em que podemos afirmar, sem embaraço, nem contradição, a vontade de construirmos e defender a União Europeia como União de Estados-Nação, efectivamente iguais entre si, livres e independentes, solidários e coesos.

Recordo duas ideias fundamentais que temos afirmado:

- O 1.º de Dezembro não é um dia contra ninguém; é dia a nosso favor.

- Este dia não é propriedade de ninguém. Este dia é de todos — é o dia mais de todos de entre todos os dias de Portugal.

Ao revigorarmos aqui, no dia de hoje, com o projecto das bandas filarmónicas e o projecto das Tunas académicas, no cenário da Avenida da Liberdade, dos Restauradores e do Rossio, o carácter popular e a inspiração jovem das celebrações anuais deste ‘novo 1.º de Dezembro’, sabemos que esta é a melhor

forma de concretizarmos a absoluta determinação do nosso Movimento: ‘Pedimos desculpa por esta interrupção; o feriado segue dentro de momentos’.”

E concluiu esta afirmação de propósitos o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. António Costa: “Celebramos hoje a Independência Nacional, porque esta é uma data maior da História de Portugal, fundamento da memória e da identidade colectivas. Fazemo-lo, pela primeira vez, sem que esta data seja feriado nacional. Mas, como aqui disse há um ano, o 1.º de Dezembro e a sua celebração são ‘património de Portugal e de todos os portugueses, e o sentimento nacional está, felizmente, muito para além dos impulsos conjunturais de qualquer legislador’.

É por isso que reafirmo, neste lugar e neste dia, o orgulho de Lisboa, em acolher as comemorações do 1.º de Dezembro.



É por isso também que volto a declarar que a capital de Portugal não deixará de assinalar o Dia da Restauração e a Câmara Municipal continuará a associar-se, empenhadamente, a estas comemorações, certa de que é essa a vontade do povo de Lisboa e de todo o povo português.

É em momentos como os que vivemos que necessitamos de exemplos de resistência e de alento. É em momentos como estes que precisamos de projectos mobilizadores, capazes de nos dar esperança e fazer avançar.”

...

“É por isso, que no próximo ano, tal como faremos com o 5 de Outubro, queremos celebrar o 1.º de Dezembro, não só com esta cerimónia mas transformando o centro de Lisboa numa grande sala de aula colectiva, espaço de História ao vivo, recriando 374 anos depois, nos diversos locais onde a História

GRANDES DATAS

NACIONAIS

CERIMÓNIAS DO 1.º DE DEZEMBRO

se fez, os acontecimentos que conduziram à libertação de Portugal.

Se alguém pensou que ao acabar com o feriado, acabava ou diminuía esta celebração, enganou-se. Pelo contrário, o facto de ser dia de aulas, permitirá fazer desta data uma evocação ainda mais viva e participada, que ocupará todo o coração da cidade, mobilizando os milhares de alunos das nossas escolas para reviverem a jornada dos conjurados, a tomada do Paço, a rendição das guarnições castelhanas, recriação naturalmente aberta à participação de alunos de todo o país que muito gostaríamos de acolher na capital de todos.”

A cerimónia continuou com a deposição de coroas de flores na base do Monumento pelas instituições e entidades presentes. Como habitualmente, esta deposição foi encerrada pelos presidentes da Câmara Municipal de Lisboa e da Assembleia Geral da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

Em exaltação dos Heróis da Restauração, seguiu-se uma breve alocução do Coronel Américo Henriques concluída com os toques de silêncio e alvorada, executados pelo terno de clarins da Banda da Força Aérea.

E a cerimónia terminou com o arrear das Bandeiras ao som do Hino Nacional mais uma vez tocado e cantado.

As comemorações continuaram no Palácio da Independência com a recepção às entidades civis e militares e a assinatura do livro de honra da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

O General Vasco Rocha Vieira usou da palavra, dignificando ainda mais uma sessão que se pretende plena de simbologia pela importância dos factos históricos ocorridos no Palácio. Fez as honras da casa o presidente da Assembleia Geral da Sociedade Histórica que, lendo um veemente apelo deixado pelo presidente da Direcção, se referiu à situação degradada do Palácio.

“O Salão Nobre do nosso Palácio da Independência, ao Rossio — no topo da Baixa Pombalina, candidata a Património da Humanidade e da Unesco — constitui ‘ex-libris’, interno e externo, da identidade, da língua e da cultura de Portugal. Por este Salão Nobre têm passado, em 73 anos, as aristocracias intelectuais portuguesas — civil e militar — e as dos países acreditados em Lisboa, as quais escolhem este espaço nobre para as suas festas nacionais, conferências e outros eventos.

Apelo, pois, a Sua Excelência o Presidente da República — através da magistratura de influência — e a Sua Excelência o Primeiro Ministro — pelos Ministérios da Defesa, das Finanças e da Secretaria de Estado da Cultura — e, especialmente, ao Senhor Presidente do Município de Lisboa, para que não deixem arder ou ruir o palácio.”

...

“Se nada for feito — a curtíssimo prazo — o Palácio da Independência, para vergonha de Portugal, acabará por se juntar à imensa lista do património cultural em ruínas ou de difícil ou impossível recuperação.”

Da parte da tarde, a Av. da Liberdade viu desfilar 21 Bandas Filarmónicas de vários pontos do país, que encerraram a sua participação em apoteose tocando em conjunto os Hinos Nacional e da Restauração.



Novamente no Palácio, procedeu-se à reconstituição histórica dos factos em efeméride, tendo havido uma evocação com danças, de grande rigor técnico e histórico, pela Associação Danças com História.



Dando satisfação à sugestão de vários consórcios, a Sociedade Histórica, em parceria com o Guião, mais uma vez cumpriu o seu objectivo estatutário de celebrar a reconquista de Lisboa, no passado dia 25 de Outubro.

Atentos à evolução desta cidade, que já foi capital do Império, este ano deu-se início à celebração do evento com um percurso de autocarro. Com início na Praça de D. Pedro IV, passámos pela Praça dos Restauradores, apreciando o monumento evocativo da restauração da plena soberania do Estado Português em 1640, o acontecimento histórico, a intervenção da Sociedade Histórica na sua construção e a comemoração do dia 1.º de Dezembro, cada vez mais intensa e envolvente. Continuámos assinalando monumentos históricos, não só a feitos militares como ao saber, à inteligência, à cultura, à aventura, enfim a Portugal e aos portugueses no seu modo de estar no mundo.

E, assim, na doca de Alcântara o empedrado deu lugar à água — o HIPPO, autocarro virou barco. Entrámos no rio e fomos vendo e comentando a cidade do lado deste.



A zona é tão rica que os monumentos sucedem-se. Lá ao fundo vislumbra-se o Palácio Presidencial e a estátua de Afonso de Albuquerque; é o Mosteiro dos Jerónimos e o Centro Cultural; ali mesmo à beira é o Padrão dos Descobrimentos; meio escondida a réplica do hidroavião Santa Cruz junto à Torre de Belém; bem no cimo da encosta a ermida de São Jerónimo e à beira da água a torre “famosamente” inclinada do controlo do tráfego marítimo.

Do outro lado do rio, além da língua de areia, a indústria impõe-se: é o terminal de cereais, a estação da Pol-Nato, agora desactivada, o terminal de explosivos. Ao longe ainda se vislumbra a Fortaleza da Torre Velha, no Porto Brandão, que teve como núcleo primitivo uma torre fortificada mandada erigir pelo rei D. João II, no final do século XV.

No regresso continuámos por terra até ao restaurante, onde 39 sócios conviveram num alegre e feliz almoço.

O Museu da Cidade esperava-nos para uma visita temática, muito bem exposta e representada. Amavelmente recebidos pela Dr.ª Clara Ferreira, numa exposição rápida mas concisa acompanhámos a evolução da cidade de Lisboa desde a pré-história à actualidade.

Passámos então à sala onde se expõe um quadro de grandes dimensões, certamente do século XVII, embora de autor desconhecido, alusivo à tomada de Lisboa.



Perante este quadro que cobre toda a parede, emblemático pela figuração rigorosa da tomada da cidade, contudo numa mistura de trajes e penteados que confundem os tempos, a referida técnica do Serviço Educativo apresentou uma precisa exposição sobre a reconquista de Lisboa, atenta aos antecedentes, às pressões da época, à política envolvente, aos jogos de interesse que impôs ao nosso rei D. Afonso todo o seu saber, a sua argúcia, a sua inteligência, a sua autoridade.

A Dr.ª Clara Ferreira interagiu com os presentes estabelecendo-se um diálogo interessantíssimo e esclarecedor. Valeu realmente a sessão, assim todos se manifestaram.

Mas a tarde não ficou por aqui...



A Dr.ª Salete Dias aparece vestida de padeira do período medieval, dando-se a conhecer como a “Teresinha da Farinha”. Após grande conversa sobre o seu pão, os seus bolos de erva-doce e melaço, desafia os presentes para a dança do encontro. E que dança!

Este ano, as comemorações do 1.º de Dezembro tiveram um brilho diferente pois um grupo de sócios, coordenado pelo D. Lourenço de Almada, dinamizou o mês de Novembro com actividades culturais e patrióticas.

Logo no dia 1 de Novembro foi realizada a apresentação pelo Dr. René Rodrigues da Silva de um selo postal personalizado, comemorativo do 1.º de Dezembro de 2013, e, por D. Lourenço de Almada, do objectivo, projecto e programa base do “1 do 12 ao Vivo” e do seu logotipo, de Tiago Sobral Cunha.



A 5 desse mês a palestra “O Enquadramento urbanístico do Palácio da Independência e sua evolução – desde os finais da Idade Média aos dias de hoje”, pelo Eng.º Eurico de Ataíde Malafaia e a 20 a comunicação “A Luta do Povo Português pela sua Independência e Identidade”, pelo Coronel Américo Henriques.

Em parceria com a Comissão Portuguesa de História Militar, tiveram lugar, no dia 21, as II Jornadas da Restauração, intituladas “As Guerras da Aclamação: Batalhas, Assaltos, Combates e Combatentes (1640-1668)”, em que foram apresentadas as comunicações: “Armas e armamento da Aclamação”, pelo Doutor Miguel Sanches de Baena; “Assistência aos enfermos e doentes nas Guerras da Aclamação”, pelo Doutor Augusto Moutinho Borges; “O Conde das Galveias e as Guerras da Restauração no Alentejo”, pelo Doutor Pedro Avillez; “O Quotidiano na Restauração”, pelo Mestre Jorge Penim de Freitas; “D. Sancho Manoel: um General nas Guerras da Aclamação”, pelo Doutor Lourenço Vilhena de Freitas; “O reconhecimento do Estado Português pelos Campos das Batalhas da Restauração”, pelo Dr. Alexandre Patrício Gouveia.

Fizeram-se também mesas redondas, no dia 22, com debates sobre a “Espiritualidade da Nossa Identidade”, com o Dr. Pedro Teixeira da Mota, o Emb. Jorge Preto e o Prof. Doutor Joaquim Domingues. A 23, “A Ruralidade e a Urbanidade de Nossa Identidade”, com o Arq. Paisagista João Reis Gomes e a

Prof.ª Doutora Gabriela Carvalho. A 25 e 26, “A trajetória da Nossa Identidade”, com Rosita Igua-na, Flávia de Monsaraz, Luiza Azancot, Nazaré Abreu, João Medeiros e Jorge Angelino. A 27, a “Portugalidade e Lusofonia”, com os Doutores Pedro Martins, Miguel Real, Rodrigo Sobral Cunha e Renato Epifânio.

Na área da música houve duas sessões do “Sons da Nossa Identidade”. A primeira foi um Encontro de Coros sobre a música coral composta por El-Rei D. João IV e sua época, que contou com a apresentação de Maestro António Leitão e do Prof. Doutor José Manuel Araújo (Adjuva nos, Deus/Christus factus est/Crux Fidelis/Adestes, fidelis), e com as participações dos corais: Coral Allegro (Maestro Sérgio Fontão); Coral Encontro (Maestro Sérgio Fontão); Coro Peregrinação (Maestrina Tere-sita Marques); Coro de St.º Inácio (Maestro Padre João Caniço) e Coro e Orquestra da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, realizada no dia 24. A segunda sessão foi um Recital de Música Clássica, no Auditório do Liceu Camões, que contou com as intervenções de Ana Ferro, Ana Tomás, Conceição Galante, Madalena Leal de Faria, Sandra Medeiros, Sara Braga Simões, João Merino, Jorge Martins, José de Eça, José Manuel Araújo, Luís Rodrigues e Nuno de Villalonga. Ao piano Armando Vidal, Francisco Sasseti, Paul Karthaus e Rafael Azevedo. Compositores: Alberto de Moraes, Alfredo Keil, António Fragoso, Artur Santos, Eurico Carrapatoso, Fillipe Duarte, Fernando Lopes-Graça, Francisco de Lacerda, Hernâni Torres, Joly Braga Santos, Jorge Croner de Vasconcelos, José Vianna da Motta, Luís de Freitas-Branco, Luís Costa, Nuno Côrte-Real, Ruy Coelho e Tomás de Lima, no Sábado 30.



Por último, ainda se promoveu uma visita guiada ao Palácio, pelo Professor José Sarmento de Matos (dia 16), uma Feira Seiscentista, com artesanato e produtos portugueses e muita animação (dias 22 a 24) e, também, um Sarau de Poesia “Ecos da nossa Identidade” (dia 23).

Conferências no Palácio



Foi com chave de ouro que, no dia 24 de Outubro, o Instituto Almeida Garrett reiniciou as suas actividades, depois do interregno das férias de Verão. O Embaixador Eurico Paes, presidente do Instituto, proferiu uma conferência sobre “As Comunidades Portuguesas no Estrangeiro”, no âmbito do novo Ciclo de Conferências sobre as Comunidades Portuguesas.

Seguiu-se, no dia 21 de Novembro, a Conferência inaugural do Ciclo sobre a Índia, também promovida pelo Instituto Almeida Garrett, intitulada “A Índia, potência mundial do século XXI: uma perspectiva”. Foi orador o Embaixador Dr. Francisco Henriques da Silva e moderador o Embaixador Eurico Paes.



No dia 9 de Dezembro, o Salão Nobre foi palco de uma conferência intitulada “A Devoção à Imaculada Conceição na História de Portugal e do Brasil”, que teve como orador Sua Alteza Imperial e Real o Senhor Dom Bertrand de Orleans e Bragança. Esta sessão foi promovida pelo Instituto D. Pedro de Alcântara — Portugal-Brasil e pelo Centro de Estudos Portugal-Igreja Portuguesa e Ordens não Estatais, e foi antecedida por uma Eucaristia em Louvor de Nossa Senhora da Conceição, celebrada pelo consócio Padre Miguel Soares de Albergaria d’Aguiar. Aproveitou-se ainda esta ocasião para, no gabinete do presidente da Direcção da SHIP, proceder-se à assinatura do protocolo de colaboração entre a Associação da Nobreza Histórica de Portugal e a Sociedade Histórica e ao descerramento de uma placa evocativa das duas vindas, em 2013, ao Palácio da Independência, de Sua Alteza Imperial e Real o Senhor Dom Bertrand de Orleans e Bragança.

Tertúlias Finis Imperii

Em parceria com a Liga dos Combatentes e a Comissão Portuguesa de História Militar iniciou-se o 10.º Ciclo de sessões. A 1.ª, realizou-se no dia 23 de Outubro, onde foi apresentada a obra “Memórias de um capitão, guerrilha em Moçambique”, do Cap. José Verdasca. Apresentou o Ten. Gen. Tomé Pinto. Fez-se ainda uma homenagem póstuma ao Coronel António Vagos. No dia 27 de Novembro foi a vez de ser apresentada a obra “Os Deuses Não Moram Aqui”, de Maria Saturnino. Presentes a autora e o coronel António Pena; a sessão incluiu a leitura de poesia da autora. No dia 4 de Dezembro foi apresentada a obra “O Meu Avô Africano”, do Coronel Aniceto Afonso.



Dia de São Martinho

Como já vem sendo hábito, a Sociedade Histórica comemorou, com os seus sócios, o Dia de São Martinho, com castanhas assadas e cozidas e água-pé, ao som do fado. Este ano ouvimos a fadista Linda Rodrigues, acompanhada à guitarra por Estevão Lima e à viola por Jaime Martins.

Visitas ao Palácio da Independência

Sempre com grande entusiasmo e interesse, vários foram os grupos que visitaram o Palácio da Independência neste 4.º trimestre de 2013. A Câmara Municipal de Lisboa trouxe, no âmbito de um protocolo, três grupos de 50 pessoas. Visitaram-nos ainda grupos da Associação Nacional de Professores, das Escolas Ave-Maria, D. Dinis, da Flamenga e da Portela, e de Juntas de Freguesia de Cascais e Estoril. Realizaram-se ainda visitas avulsas, para grupos de 5 pessoas, que a título particular queriam conhecer o nosso Palácio.

Biblioteca

Neste último trimestre de 2013, a Biblioteca realizou mais três encontros, todos eles muito concorridos. O primeiro, realizado no dia 24 de Outubro, intitulou-se “A última Fronteira, Lisboa durante a II Guerra Mundial” e teve como oradora a Dr.^a Maria Magalhães Ramalho.



Seguiram-se, no dia 21 de Novembro, a palestra “Rolão Preto e o Movimento Nacional-Sindicalismo MNS”, pelo Dr. Jorge Gomes e no dia 4 de Dezembro o nosso delegado em Itália, Dr. Mario Chiapetto, em Lisboa para as comemorações do 1.º de Dezembro, pronunciou uma brilhante exposição sobre “Os genoveses na História de Portugal”.

A Biblioteca também promoveu uma Exposição Documental do Arquivo Histórico da SHIP (1917-1930).

Para o ano de 2014, uma intensa e importante actividade está prevista para este espaço que todos os dias é muito concorrido por entusiastas da História e da Cultura Portuguesa.

Também aqui tem decorrido, desde Novembro, um Curso de Filosofia e Cultura Luso-Brasileira sobre o Romantismo, promovido em parceria com o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, que tem sede no nosso Palácio.

Almoço de Natal

No dia 4 de Dezembro realizou-se, em ambiente festivo, o almoço de Natal da SHIP, no Espaço “Casal de Paulos”, em Monsanto, com a participação de 60 sócios. Um momento bonito para recordar.



Círculo de Estudos Filatélicos

No âmbito do protocolo entre a Sociedade Histórica e o Clube Filatélico de Portugal, esteve patente a Exposição Filatélica da 7.ª Edição do Troféu do Comendador Dias Ferreira, de 19 a 26 de Outubro, no Espaço Fernando Pessoa.



Na ocasião, a nossa consócia Maria Emília Franco Henriques, em representação do Círculo, recebeu das mãos do presidente do CFP a distinção atribuída pelo trabalho “As mãos e a poesia”.

O prémio de melhor artigo da revista do CFP foi entregue à nossa consócia Mestre Olga Esse Fernandes pelo trabalho “A Batalha do Ameixial — Uma nova Aljubarrota”. O Eng.º Fernando Lach Correia também foi premiado com as participações “Engenharia e Engenheiros” e “Obras de Engenharia Civil”.

Exposições no Espaço Fernando Pessoa

Este espaço recebeu no 4.º trimestre três exposições.

A primeira, foi dos pintores Guta Gomes e Orlando Pinto, que esteve patente de 30 de Outubro a 5 de Novembro. Seguiu-se, e já enquadrada nas comemorações do 1.º de Dezembro, a exposição de fotografias “Restaurar Portugal”, de Gastão Brito e Silva, com a colaboração do Projecto Ruin’ Arte. Por último, uma exposição colectiva d’artes plásticas “A luz da nossa Identidade à luz da portugalidade”, em que participaram os vários artistas portugueses: Isabel Cristina, Natércia Caneira, Graça Cabral Moncada, Ana Pérez-Quiroga, Vítor Pomar, Inês Barros Baptista, Luís Camacho, João Vilhena, Maria Ribeiro Telles, Fernando Quartin, Graça Delgado, João Galvão, Pedro Charters d’ Azevedo, António Flor, Paulina Evaristo, Vera Pyrrait, Ângela Belindro, Susana Bravo, Carlos Cordeiro, Ana Cosme, Clo Bougard, Wilson Galvão, Teresa Almeida e Silva, Sebastião Lobo, Francisca Couceiro da Costa, Álvaro Leite Siza, João Marchante, Tomás Colaço, Salomé Nascimento, Maria Del Mar, Marta Gaspar, Paulo Pereira Gomes, Rita Burmester, Ana Cristina Leite, Tiago Taron, Luísa Soeiro, Meco — Américo Filipe, Sofia Aguiar e Lourenço de Almada.

Belas

A SHIP organizou mais uma vista cultural no passado dia 12 de Outubro, desta vez a Belas e guiada pela Dr.^a Ana Cristina Calheiros, da Junta de Freguesia, que mostrou alguns locais de “uma vila que respira história”. É exemplo a barragem romana do séc. III a.C., junto às nascentes das Águas Livres, pouco perceptível a quem passa, sem nenhuma sinalização, degradada e considerada apenas monumento de interesse municipal. No século XVIII, a partir deste local foi construída toda uma estrutura de canais que abasteceria a cidade de Lisboa, o Aqueduto das Águas Livres.

Quem atravessa a porta de entrada da Quinta Nova da Assunção, depara com a grandiosa beleza deste local. Pertença da Câmara Municipal de Sintra, serviu para diversos cenários de mini-séries como “Equador” e “A República”. O edifício é atravessado por um longo corredor que dá acesso ao grande jardim e abre portas às diversas salas e quartos, todos pintados de frescos inspirados na natureza, e à cozinha forrada a azulejos alusivos a alimentos. O jardim, com quase 700 metros de comprimento, tem, para além da densa vegetação, bancos, escadas, muros e pavilhões forrados a azulejos com cenas populares e naturalistas, em recantos que ditam a história desta quinta.

Integrada no núcleo histórico das quintas de Belas, a Quinta do Bonjardim, inicialmente propriedade dos Condes do Redondo é, hoje, dos Sousa do Prado. A sua construção situa-se entre os séculos XVI e XVIII. Não totalmente visitável, pelas divisões que o são, podemos imaginar todo o seu esplendor. A Capela do Bom Jesus, revestida a azulejos retratando cenas da Paixão de Cristo, era o local preferido dos Condes do Redondo, onde organizavam festas musicais religiosas; destaca-se uma representação da Última Ceia, em barro, do séc. XVIII de grandes dimensões.

A igreja de Nossa Senhora da Misericórdia expõe nas suas paredes 4 das 7 obras conhecidas de João Gresbante, dedicadas à Paixão de Cristo; o altar-mor, em talha dourada, e o tecto de madeira evocam Nossa Senhora em dezoito caixotões.

Figueiró dos Vinhos

Designada a “Sintra do Norte”, Figueiró dos Vinhos recebeu um grupo de associados no passado dia 14 de Novembro. Visitou-se três espaços num só edifício: o Casulo de Malhoa (casa onde José Malhoa viveu), o Museu e Centro de Artes (inaugurado em Junho passado) e o Museu do Xadrez (constituído por diversos tipos de tabuleiros e peças doados por particulares). Houve ainda oportunidade para observar a imponência exterior e beleza interior

do Convento de Nossa Senhora do Carmo.

Da parte da tarde, o grupo deslocou-se ao Casal de S. Simão, uma das aldeias históricas de Portugal, agora recuperada essencialmente para turismo de habitação, num local de deslumbrante beleza natural.

Antes de regressar a Lisboa, e para aquecer do frio que se fazia sentir, nada como provar pão-de-ló e castanhas doces, da doçaria regional.

Oeiras

A 26 de Novembro, a SHIP visitou a zona de Oeiras. Após uma curta viagem apreciou-se o famoso Palácio Marquês de Pombal do séc. XVIII, actualmente pertença da Câmara Municipal. O interior do palácio apresenta um dos melhores conjuntos decorativos do período pombalino de estuques e azulejos; já nada possuiu do recheio original, leiloado pela família Pombal em 1939 e, desde então, disperso. O seu imponente jardim, atravessado pela Ribeira da Laje, é palco de espectáculos principalmente durante o Verão. Possui ainda uma adega onde é produzido o vinho “Carcavelos” e um lagar de azeite, agora recuperado.

Depois de almoço coube a vez de visitar a Fábrica da Pólvora, em Barcarena, que possui um museu com a história desta e a utilização deste explosivo em Portugal. Antes de regressar, o grupo deslocou-se até ao Parque dos Poetas, local onde estão representados 20 poetas portugueses do séc. XX, entre eles Fernando Pessoa, Alexandre O’Neil, Sophia de Mello Breyner e Natália Correia. No final, deu-se um feliz encontro ocasional com o escultor destas estátuas, Francisco Simões, que esclareceu alguns dos detalhes das mesmas.

Santa Maria da Feira

É em São Paio de Oleiros, freguesia de Santa Maria da Feira, que se encontra o maior presépio do mundo em movimento e que já recebeu milhares de visitantes, e a SHIP não foi excepção. No passado dia 16 de Dezembro, percorreu-se os vários espaços com cerca de 7500 peças onde surgem elementos relacionados com a história do nascimento e vida de Cristo, momentos bíblicos e históricos como a aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos ou o encontro entre o Papa João Paulo II e a Irmã Lúcia. Amália Rodrigues também marca presença neste presépio, assim como uma sátira política entre Alberto João Jardim e Cavaco Silva a dançarem o Bailinho da Madeira.

Da parte da tarde houve oportunidade para visitar o exterior de dois notáveis monumentos: o Castelo e a Igreja Matriz de Santa Maria da Feira, situada no Convento dos Lóios.